

CARNAVAL E CAMISINHA

Após o advento da AIDS, um objeto desconhecido de muitos passou a fazer parte do vocabulário de quase todo mundo.

Em função das campanhas pela mídia, principalmente a eletrônica, os pais se viram obrigados a explicar para os filhos de quatro, cinco ou mais anos, o que é e para que serve a tal camisinha. Até aí não há nada de mais. A resposta tem que ser dada com naturalidade e sem muita preocupação, pois as crianças dessa idade não estão se importando muito com isso. A situação fica mais delicada quando tratamos de adolescentes, que sabem o que é, para o que serve, mas correm o risco de serem bombardeados pela propaganda, deixando de lado todas as implicações de ordem moral a serem observadas na esfera do sexo.

Alarmado pelo crescente número de pessoas contaminadas pelo vírus HIV, o Governo deflagrou já há alguns anos, campanhas educativas, que de educativas não têm nada, porque se limitam a incentivar o uso da camisinha, na tentativa de diminuir a contaminação através das relações sexuais, que é uma das principais formas, sem qualquer alusão a uma possível observação de ordem moral, deixando como saldo, a idéia materialmente válida mas moralmente equivocada, de que sexo seguro é sexo com camisinha.

Não querendo diminuir a importância da camisinha, mas creio ser importante esclarecer que a principal segurança está em uma vida equilibrada, longe da promiscuidade, vinculando sexo ao amor, responsabilidade fisiológica e, sobretudo, espiritual.

As campanhas a que eu me referia instantes atrás tomam um fôlego ainda maior por ocasião da aproximação do carnaval. Festa originalmente ingênua, transformou-se em um verdadeiro culto à licenciosidade em todos os sentidos que a imaginação humana puder alcançar. Aumenta consideravelmente o consumo de bebidas alcoólicas, drogas e observa-se uma apologia escancarada à sexualidade libertina.

O poder público, que infelizmente ainda só tem olhos para questões materiais, acaba contribuindo para isso, na medida que entope todos os meios de comunicação com campanhas incentivando o uso da camisinha, de tal forma que fica quase que estabelecida uma obrigatoriedade de praticar sexo durante o carnaval. A festa de Momo virou a farra de Eros. Até no exterior, a pretexto de divulgar o país e incentivar o turismo, a imagem do carnaval é divulgada como uma festa regada a sexo, bebidas e libertinagem. Daí, a pouca simpatia que qualquer religião nutre pelo tríduo de Momo.

Não é muito fácil falar para um filho que ele não deve participar do carnaval, até porque, muitos amigos vão, faz parte da idade, etc. Nem vou emitir uma opinião a respeito, porque creio que o assunto deve ser decidido de acordo com cada família, mas nunca é demais lembrar que o carnaval é uma boa oportunidade para uma viagem à praia, campo, casa de familiares, ou qualquer outra atividade diferente de um salão de baile ou um desfile de escola de samba.

É bom lembrar que o próprio jovem está se desinteressando por esse tipo de festa, valorizando mais a prática de outras atividades no período, o que pode se observar pelo cada vez maior esvaziamento dos salões de clubes tidos como familiares. O próprio jovem se cansou de ver tanta perversão partindo para alternativas mais condizentes com sua realidade.

Sob o ponto de vista espiritual, basta pensar um pouco para imaginar que tipo de ambiente e que tipo de espíritos se observa em um baile de carnaval. Isso por si só não transforma a festa em demoníaca, mesmo porque, cada um pode fazer o seu ambiente; agora, haja convicção!

No mundo em que vivemos e com o qual somos obrigados a interagir, nem tudo são flores. Tentem imaginar que tipo de ambiente espiritual se observa em uma bolsa de valores, em uma financeira, em um banco, em uma multinacional, em um presídio, numa delegacia de polícia, num necrotério, enfim, tantos lugares pouco espiritualizados, mas nem por isso, ruins intrinsecamente. Há excelentes criaturas trabalhando em todos eles, mas a possibilidade de um deles tomar uma atitude pouco recomendável sob o ponto de vista espiritual é bastante considerável, devendo, tais profissionais, exercerem uma vigilância constante.

Dá para fazer um paralelo com o carnaval. Nenhum jovem se transformará num anticristo se participar da festa, desde que o faça de forma diferenciada, como um verdadeiro cristão. Agora, se puder, evite, pois não estará perdendo nada. Pode ter certeza!

(Sardano, Edson de Jesus. Adolescer, verbo transitório)